

## **Adoção: gestação da alma**

*Vanessa Natália dos Reis*

Sempre pensei em ter filhos, independentemente de estar solteira ou casada. Só que, antes do filho, eu tinha outros projetos. Nasci pobre, preta e mulher, quantas indagações eu tinha, quanta vontade de ir além, mesmo tudo conspirando contra. Próximo dos 40, já casada, com grande parte dos sonhos realizados, perguntei pela última vez ao meu marido se teríamos filhos e ele disse que sim.

Logo depois dessa conversa, tive minha consulta anual de rotina e descobri que um mioma que tinha fora do útero havia crescido muito. Minha médica disse que tiraria e que, em seguida, engravidaria, e, provavelmente, ele voltaria e partiríamos para uma histerectomia. Cheguei em casa, pensei nas piores hipóteses, chorei bastante. Logo em seguida, enxuguei as lágrimas e decidi fazer a histerectomia já. Conversei com meu marido, ele concordou. No outro dia, liguei para a médica. Ela ficou preocupada e disse que teríamos que conversar pessoalmente. Após tudo resolvido, fiz a cirurgia dia 4 de fevereiro de 2015. Quinze dias depois, fui conversar com uma assistente social que trabalhava na vara, conhecida de uma amiga nossa, isso porque sempre estivemos abertos à adoção. Fiquei morrendo de medo de estar fazendo a coisa errada, então, enquanto esperava, avistei uma caixinha daquelas que guardam vários pensamentos em pequenos papéis, eu resolvi tirar um e, nele, estava escrito que bastaria dar amor. Como eu já havia aprendido no programa da Claudia Tenório, às segundas, que o amor é exigente, entendi o recado.

Fizemos o curso sobre adoção, demorou muito todo o processo, quase um ano. Pensei em desistir, conversei com nossa amiga que trabalhava próximo à assistente social, esta resolveu pedir o nosso processo para outra assistente social da comarca, e ela cedeu, então recebemos a visita da assistente social, uma esperança voltou. Entramos na fila e começamos os preparativos. Eu lia e ouvia tudo a respeito, meu marido ficava por conta da idade, “se for menina, vai ser assim. Se for menino, assim.” Eu queria dois, ele, um, porque, na cabeça dele, toda a responsabilidade ficaria por minha conta, por ele trabalhar fora (queria que tivesse sido diferente, mas foi mais ou menos assim). Pesquisei muito a respeito e descobri que quem educa bem um, educa dois, três. Optamos por um. Não escolhi sexo, apenas que fosse negra e tivesse de 2 a 5 anos. A idade também meu marido escolheu. Improvisamos um quartinho, pintamos, colocamos cama, armário, mesinha para estudo e ficamos à espera.

No terceiro ano, tudo estava ruim para mim: o casamento, a espera. Comecei a fazer

uma busca nas cidades vizinhas, mas não podíamos visitar os abrigos. Era a regra, justamente para evitar danos futuros. Eu entendi. Mas a moça que me atendeu disse que, em dezembro, haveria um evento e eu poderia me cadastrar para participar. Estava sem meu remédio para depressão e tinha consulta só em outubro. Isso era em junho. Resolvi visitar uma amiga, no bairro, que tomava o mesmo remédio que eu, e pedir uns emprestados, até minha consulta. Só que ela não estava tomando mais, desde que teve sua primeira filha, mas o papo foi bom e rendeu o empréstimo de um livro sobre constelação. Comecei a ler e, na segunda, nosso telefone tocou, pedindo para irmos a uma das casas de acolhimento na outra segunda-feira. Eu fiquei eufórica, contei para meu marido e ficamos aguardando. Na quarta, o telefone tocou de novo e remarcaram para sexta. Pensa numa mulher que ficou doida, tinha vários bolos e docinhos para sábado. Pensei na hipótese mais trabalhosa, uma criança de dois anos de idade, e passei a noite trabalhando, para assim poder dar atenção para nosso pequenino, ou pequenina.

O “parto” se deu no dia 29 de junho de 2018, na parte da tarde. No dia 1º de julho, ela veio conhecer nossa casa. No centro de acolhimento, a conversa com a psicóloga e com as assistentes sociais foi bem tranquila. Nós só estávamos ansiosos para saber a idade e o sexo. Elas ficaram meio preocupadas com a idade, pois fugia um pouco do nosso perfil. Chegada a hora, era menina, amei. Ela estava com 6 anos e 3 meses, ficaram achando que a idade seria um empecilho. Então eu disse: “É ela que precisa de cuidados no momento? Então é essa.” Elas ligaram na escola perguntando se podia pegá-la mais cedo. A escola liberou e conhecemos nosso pacotinho de amor. Ela, de cara, não gostou muito dos padrinhos que ela mesma havia pedido. Ela estava esperando a madrinha das irmãs dela. Ficamos aguardando, enquanto a psicóloga e as assistentes sociais conversavam com ela. Então a criança resolveu dar-nos uma chance. Olha só a apresentação da nossa futura filha: “Eu não gosto de estudar e tenho preguiça”. Em pensamento, falei com Deus: “Oh Senhor, tem certeza que é esta? Sabe quanto eu acredito na educação como transformação humana, Senhor.” E no meu íntimo ele respondeu com uma pergunta. “Não é você que acredita naquelas pessoas em quem ninguém mais acredita?” E eu disse para mim mesma: “É essa.”

Quando ela chegou à nossa casa, tudo que ela queria era saber onde era seu quarto. Ela lá ela dormiu de domingo para segunda. Observei que ela estava bem acima do peso para a idade dela. Conversei com meu marido, para ver se tínhamos uma reserva, para colocá-la na natação, ou em um esporte de defesa pessoal, o que mais agradasse a criança, mesmo se não a adotássemos, porque nós entramos como padrinhos. Não é comum, mas, nesse mesmo mês, coincidiu de o meu marido estar de férias, e nós viajaríamos na segunda quinzena, de carro. Perguntei para as meninas se poderíamos levá-la. Responderam que, se

ela quisesse, era só pedir autorização para o juiz. Quando ela veio passar o final de semana, perguntei para ela e ela respondeu que não iria. Na nossa casa tem um lago, ela queria entrar, não foi possível, mas descobri de qual atividade ela iria gostar. Na quarta, seria festa junina dela, nós fomos. E nessa festinha já fomos apresentados à primeira birra. Ela queria ir ao pula-pula, antes de dançar. Expliquei que iria depois que dançasse, mas não funcionou muito. Meu marido queria conversar durante o choro, pedi que a deixasse. Pensa numa mulher que rogou a Deus para ninguém ver essa menina chorando. Em seguida, parou de chorar e pediu que eu a levasse ao banheiro. Eu peguei na mão dela, levantei o vestido, deu tudo certo. Quando saiu do banheiro, a criança lembrou que estava com raiva de mim, soltou minha mão e saiu correndo com a cara fechada. Em seguida dançou, ficou na fila para o pula, achou que estava demorando, tive que explicar que era assim mesmo. Não cumprimentou alguns amigos nossos, caiu, chorou de novo. Após as festividades, nós a entregamos à casa lar, como combinado. No outro final de semana, a buscamos. Meu marido reclamou que ela não cumprimentava as pessoas e eu queria conversar com ela sobre a pirraça. Pensei que, nessa hora, meu marido estaria junto, mas se escondeu na lavanderia, e não saiu de lá por nada. Perguntei o motivo do choro, porque não cumprimentava as pessoas, que o momento era de alegria, e ficou parecendo um velório. Ela me olhou espantada e perguntou o que era isso. Expliquei, e fizemos um combinado, pois iríamos a um bingo entre mulheres e a levaria. “Se alguém te cumprimentar, você cumprimenta. Se oferecerem alguma coisa, se quiser, diga ‘sim, obrigada’. Caso não queira, diga ‘não, obrigada’.” Ela, em contrapartida, pediu para ver vídeos do bebê *Reborn* quando chegássemos. Meu marido viajou para São Paulo, para visitar os pais, e a “mãe” ficou de resguardo, cuidando da nossa afilhada. Tivemos atividades a semana inteira: natação, casa lar, escola. No final de semana, o padrinho chegou. Iríamos viajar na segunda. Nossa pequena então decidiu ir conosco.

Nesse passeio, eu descobri quanto mal já havia sido feito a ela. Ela não queria ficar ao sol, perguntei por que, mas sabia que era medo de “ficar preta”, pois ela é filha de mãe branca e pai negro. O cabelo solto... nem pensar, disse que faria umas trancinhas para ficar mais fácil na viagem. A menina ficou apavorada, eu a acalmei, dizendo que faria cachinhos todos os dias. Durante a viagem, a todo momento, ela perguntava se eu me achava bonita — isso porque eu e meu marido somos negros. Esqueci-me de contar que isso foi mais um choque que ela teve, ao olhar para os padrinhos, no primeiro dia. Eu dizia a ela que já tinha sido difícil para mim, em alguns momentos, mas que, hoje, eu me achava bonita e, se eu não achasse, quem acharia? E ela continuava a questionar: “Tem certeza?” Eu respondia: “Tenho.” “E você, não se acha bonita?” A resposta era um não. Disse que queria ser loira e

ter os olhos verdes. Os olhos, nós dissemos, que daria para resolver com lentes, e ainda bem que o cabelo ela queria cacheado. Durante a viagem, em um passeio, em uma fazendinha, fizemos um combinado, e não deu muito certo. Tivemos que ir embora e novamente ficou emburrada comigo, e olha que o problema havia sido entre ela e meu marido.

Voltamos com o propósito de adotá-la. Como eu optei por diminuir minhas horas de trabalho remuneradas, para ter tranquilidade para lidar com os conflitos, para conhecê-la melhor, conseguir lidar com meus medos, meus anseios, assim fiz. Foram tempos difíceis. E olha que me preparei: li muito sobre o desenvolvimento da criança, sobre traumas, doenças e transtornos. Quando a via batendo na boneca com tanta raiva, furando uma caixa, ao meu lado, com tanta intensidade, conversando com um passarinho, como um adulto mandando em uma criança, sem chance de diálogo... A carinha dela é bem angelical, todos achavam, inclusive meu marido, que era superfácil. E era, até ela ouvir um não. Mesmo tentando explicar porque meu pai falava “não, e pronto”. Eu queria explicar, mas depois que a raiva chegava, não tinha diálogo. As pirraças duravam cerca de 40 minutos. Quando era próximo ao horário de ir para a escola, falava que não ia (pensa eu pegando uma menina de 40 quilos para colocar no carro e, ao ligar o carro, abria a porta dizendo que ia pular. O carro estava em movimento). Eu recorri, na primeira vez, dizendo que, se a polícia parasse, os policiais ficariam bravos conosco. Ela fechou a porta com força e rapidez. Depois, conversando com ela, descobri que ela tinha pavor de polícia, por ter ido à casa dela algumas vezes.

Quando chegava da escola, tinha a parte dois da pirraça. Às vezes, eu ficava calada, esperando passar, outras, eu esquecia e tentava falar junto, ficava nervosa também, e ia alterando meu tom de voz, e ela também. Eu não queria ser tão dura com ela, como meu pai foi conosco, nem tão mole, porque ela era daquelas crianças firmes. Ela tinha um comportamento desafiador comigo e um dócil com o pai. Eu queria que ele me ouvisse e entendesse a minha dor, mas isso não acontecia, e eu ficava pior. Eu gostava de colocá-la para dormir, mas tinha dias que não conseguia. Meu intuito, desde o início, era não bater, pois já sabia pelas atitudes dela que ela apanhava muito. Mesmo assim, perdi para ela algumas vezes: um dia, um tapa na mão, depois de tempos falando para não abrir a geladeira e tirar as coisas para jogar no chão. Outro dia, no banho, um beliscão. O dia em que consegui ficar calada, durante 45 minutos de choro, murros, chutes na porta e chutes no fogão ligado, onde eu estava mexendo um recheio, neste dia, ela me deu um tapa, e eu revidei. Em seguida, pesquisei no Google se podíamos revidar tapa de filhos. Lógico que a resposta foi não. Pensa em uma mulher que ficou mal. Nesse dia, à noite, eu conversei com meu marido: “Eu não dou conta sozinha.” Ele conversou com ela e comigo, com uma voz,

que eu olhava para o rosto da nossa filha e tinha certeza de que, no outro dia, comigo ela estaria um pouco pior. Nesse dia também, eu desabei, pedi terapia de casal, ele viu o tamanho de meu desespero e resolveu aceitar. Só não entendeu que a terapia seria para nós conseguirmos falar a mesma língua com nossa pequena.

Marquei as sessões. Eu fui primeiro, depois ele e, na outra semana, os dois. Esse dia foi muito difícil, saímos de lá literalmente separados. Ele ficou transtornado por eu ter falado tanta coisa que me desagradava no nosso relacionamento. Se ele soubesse que estava tão ruim assim, era só ter separado, não precisaria de uma terapia. Já que eu levantava às cinco horas da manhã e deitava-me à meia-noite, por ele, eu estava dando conta de tudo. Eu não conseguia nem falar de tanto que chorava. “Eu sempre falei para você, você disse que eu só reclamava. Você que não quis entender para não precisar me ajudar.”

Após tudo isso, eu busquei nossa pequena na escola, eu não conseguia nem falar. Chegamos, fizemos a tarefa, ela pediu para jogar jogo da velha, nós jogamos, ela ganhou todas. Deixei-a vendo desenho e fui deitar, ela foi lá e me fez um carinho. Fiquei muito melhor. A terapeuta me indicou um livro para ler: *O cérebro da criança*. E já pediu que voltasse a tomar meu remédio, pois não poderia ficar sem. Fui diagnosticada com transtorno de ansiedade e já me deu várias dicas pra ajudar a minha pequena e me ajudar também. Nossa pequena tinha atendimento com a psicopedagoga e psicóloga. Muitas vezes o procedimento era o mesmo e ela estava ficando muito cansada, visto que todos os dias eu estava estudando com ela. Meu marido havia comprado vários jogos didáticos, isso me auxiliava bastante. Então, conversando com a terapeuta, decidimos tirá-la da psicopedagoga, mas antes dei uma satisfação para a profissional e para a responsável pela entidade onde nossa fofurinha era atendida. Consegui atendimento com um psicólogo mais próximo de nossa casa, com a ajuda dos anjos da casa lar, mas, com o passar do tempo, também deixou de ir.

Quanto à escola, meu marido, em uma vez que foi buscá-la, a professora lhe disse: “Nossa, você é o famoso tio da Jamilly?!?” Mas, para mim, o recado era outro: “Nossa, eu vou retê-la, ela não faz as atividades direito e não quer ler.” Nesse dia, descí as escadas conversando sério: “O que você fez hoje?” “Não sei.” “O que você lanchou e que matérias foram estudadas?” “Não sei.” “Amanhã, quando eu te buscar, eu quero saber, viu?” Ela: “Posso brincar com a Duda? Posso ver desenho?” “Só depois que estudar.” Pirraça... No início, ela regredia tanto que não sabia se calava ou insistia.

Nessa época, ao ler um texto sobre família, ela não conseguiu falar nem uma vez a palavra “mãe”, que aparecia umas quatro vezes. Outro texto que trabalhamos foi *Leilão de Jardim*, da Cecília Meireles. Este ela tinha decorado, precisei fazer o processo inverso,

mostrar as palavras para ela ir falando, e assim observando se sabia, ou se estava chutando. Demoramos 15 dias pra ler o primeiro livro da biblioteca, porque, para ela, saber que tinha muita coisa para fazer já era motivo de pirraças e regressão. Fazíamos combinados: eu lia uma parte, ela lia outra. As pirraças foram diminuindo, ela tomando gosto pelo estudo. Mas quando queria dar trabalho, eu parava, a sentava no meu colo, conversava com ela e, às vezes, dava certo, outras, fugia do controle. Chorava, deixava o lápis cair da mão, não me respondia. Então falava que iríamos deixar para outro dia, pois ela estava cansada. A situação piorava e meu marido nunca chegava nessas horas. Graças a Deus, porque, em um dia em que ela começou o “show”, eu o chamei para presenciar, porque ele achava que eu era mole, outras vezes, sem paciência, e que nunca uma criança conseguiria desestruturar um adulto. Ele veio, falou com ela, e ela continuou jogando as almofadas no chão. Ele pediu para que ela fosse para o quarto, ela ficou na porta, peitando ele, durante cinco minutos. Ele pegou o chinelo e partiu para cima dela, eu larguei a vassoura e entrei na frente. Não porque ia ser uma chinelada, apenas porque ele tem muitas questões não resolvidas com seu passado que iriam despertar naquele momento. Ela ficou apavorada, eu dei água, coloquei para respirar, expliquei que os adultos também ficam nervosos e erram. Até hoje ela tem medo de levar outras chineladas, mas não tem vergonha e faz o pai de coleguinha de escola. Ele brinca, tem oportunidades de aproveitar a autoridade dele nas brincadeiras, para educar, mas não sabe fazer e não quer aprender isso. Para educar filho e principalmente filho adotivo, temos que fazer todos os dias o que o Sr. Luiz Schetini aconselha: “É preciso desaprender a gritar, a ser sem paciência, querer tudo pra ontem, a não querer esperar, não querer repetir as falas, a julgar. Para assim aprender o que realmente é essencial, com amor, para amenizar as dores deles e as nossas.”

Como consegui minha intimidade com ela? No início, ela não aceitava pegar na mão. Quando estava em uma crise, não aceitava abraços. A primeira vez em que a beijei, na porta da escola, quando ela passou pela porta de entrada, limpou o rosto, e eu vi. Tinha ciúmes dos meus amigos e, às vezes, da Duda, a vizinha que eu já conhecia antes de ela chegar e continuou estudando junto com ela, porque ela também veio bem atrasada nos estudos. Quando a Duda escrevia uma cartinha para mim, ela escrevia outra para meu marido e dizia que depois escreveria para mim também, mas isso nunca acontecia, eu ficava acabada. Confesso que, muitas vezes, tive ciúmes do meu marido, porque ele ficava com a melhor parte. Quando estava brincando com a Duda, chegava na janela da cozinha e me chamava de feia, mas a Duda me chamava de bonita. Então ela voltava e também me dizia que eu era bonita. Quando emburrava, falava o tempo todo que ninguém gostava dela e que ela era muito feia. Um dia, pedi que ela olhasse nos meus olhos, que nunca mais repetisse isso. Na

nossa casa, todo mundo era bonito, inclusive ela.

No dia em que ela fez a mala para ir embora, pegou na minha mão e pediu que eu a levasse até o portão. Eu a levei e, quando abri o portão, eu desmontei, chorei tanto, doíam tanto aquelas palavras. Então ela disse que estava com medo de ficar na rua sozinha e se podia ficar. Eu balancei a cabeça que sim. Meu marido só assistindo à cena e emprestando o colo para eu chorar. Essas situações para ele são difíceis. Terminamos a noite com um belíssimo filme sobre adoção, deu tudo certo. Muitas vezes, mesmo não conseguindo, tive que lembrar que era a mãe e recuar, recuar. Arrumava estratégias diferentes para que ela conseguisse estudar com mais tranquilidade, como fazer um bolo depois, criar uma brincadeira diferente, fazer uma atividade de artes dos seus livros. Foi quando eu vi que deitei madrinha e levantei mãe. Ela também tinha vergonha, mas, quando alguém falava que era nossa filha, começou aceitar a ideia. Antes, quando um adulto falava que ela era nossa filha, ela não gostava, mas não respondia. Quando uma criança perguntava, ela respondia na hora: “Não é. É minha madrinha.” Quando eu estava por perto, doía tanto, sei que precisava ficar calada, mas perguntava por quê. Com a terapia, aprendi a respeitá-la mais e coloquei na minha cabeça: ela não pediu pais, ela pediu padrinhos.

Terminou o ano e achei que tudo estava encaixando na escola. Pensei: agora vai. Pensa em um ano escolar difícil, uma professora que não estava em um ano bom, minha filha regredindo, tudo o que eu podia era ser firme. Eu passava na casa de coleguinha, completava caderno. Resolvi parar e pensar: e se ela não for mais à escola? Por ter estudado com a diretora, consegui entrar na escola, pois estava fazendo Pedagogia justamente para isso. A professora já havia cogitado até na possibilidade de um estágio, mas não iria fazer estágio lá, não. Aproveitei a oportunidade para participar da aula. E realmente o problema era a didática da professora. Falava o tempo todo que os alunos mais inteligentes eram os que copiavam do quadro primeiro, explicava a matéria só para esses e em seguida fazia as correções. Os outros não podiam parar para ouvir a explicação, pois eles tinham que copiar. Os nomes dos que estavam atrasados eram anotados no quadro. Resumindo, depois do recreio, não tinha uma criança motivada mais. Em uma sala de 24 alunos, seis acompanhavam a professora. Como recompensa, eles entregavam os livros, prestavam serviços para a professora. Os outros, cada dia, sentiam-se mais burros. Minha filha falava isso. E me disse também que, quando cheguei na sala, ela ficou com vergonha, mas depois gostou. Eu estava pensando em ficar uma semana, mas, no segundo dia, fui convidada a me retirar, nas entrelinhas. A professora não gostou. Quando eu vi o sofrimento dos meninos, levantei e ajudei mesmo. Ela esperou eu levantar outra vez, desceu e chamou a diretora, que entrou brava na sala, pedindo para eu ficar do lado da Jamilly, pois eu não estava lá para ser

muleta de ninguém, não. Eu fiquei sem saber se ficava até o final do horário, ou ia embora naquele momento mesmo. Então, andando pelos corredores, uma professora mais velha resolveu me perguntar se eu não tinha serviço, para eu estar na escola daquele jeito. Eu disse que tinha, mas que, naquele momento, minha filha estava precisando de mim e eu estava lá. Ela me deu várias dicas para resolver o problema, tudo eu já havia feito, então disse que o problema poderia estar na escola. E estava. Então ela resolveu me dar um conselho. Como mãe, nunca tinha sofrido tanto. Entro em uma escola que deveria estar aberta para diversidades. Se não se conhece o problema, ao menos deveriam estar abertos para aprenderem. E justo lá! Eu sou obrigada a ouvir que eu não estou sabendo ser mãe. Ela disse: “Eu sei que você adotou ela, faz isso não, ela vai ficar dependente e ninguém vai aguentar.” “Faz isso não”... Essa mulher sabia das minhas dores? Sabia que eu gastei três anos, me preparei, sou uma mãe com regras, eu ensinei essa criança a dormir sozinha, que tive que levantar várias vezes na madrugada, trancar a porta do quarto, chorar sozinha e, às vezes, com ela? Quantas feridas minhas e dela foram abertas e o que eu tive que fazer para que elas cicatrizassem? Quantas pessoas mexeram com a vida dessa menina e tudo o que ela queria é que tivesse dado certo com a mãe dela? Pensa que eu não sei que elas até têm dó da situação, mas que não têm tempo para se colocarem no lugar da criança, deixando-a assim jogada à própria sorte? “Já levou no psicólogo? Ela tem problemas em casa? Ela não tem problema de aprendizagem, não?” E eu sabia responder a cada uma dessas questões. Eu, a mãe que gestou, programou, que esperou, que muitas vezes quis desistir. Eu conheço minha filha.

Além dessa situação em sim, como doeu alguém achar que é mais mãe porque gerou na barriga! Como isso me incomodou! Pensei em tirá-la de lá, mas, antes, perguntei para ela e ela disse que queria ficar. “Então tá, né?”. Eu fui à escola mais umas duas vezes, escrevi uma carta. Trocaram minha filha de sala e eu fui impedida de participar das reuniões escolares com a antiga professora. A atual mais faltou durante o ano do que trabalhou, pois estava com problema de saúde na família. Na reunião de que participei, conversavam em particular, eu ouvia explicações de todos a favor da escola, indiretamente. Desisti de falar. Só fiquei observando e pensando o que poderia fazer, não pela nossa filha, mas também por diversos pais que acham que a escola é boa porque tem uma boa nota. Os filhos estão aprendendo?

Um dia, minha filha chegou em casa e disse que ficou triste. Perguntei por quê. Ela disse que tinha tirado muitos C em matemática. Respondi que já sabia. Ela, assustada, indagou: “Já?” “Sim. Por que você acha que fui tantas vezes à sua escola?”

Assistindo a uma palestra, na semana de formação do meu curso, entendi que, unidos,

somos mais e, no domingo, quando fui à missa, o sermão do padre reforçou essa ideia. Terminei o ano com essa certeza: no ano que vem, vou montar um grupo de pais para lidar melhor com essas situações. Resolvi também ir à Secretaria de Educação, já que havia esgotado minhas possibilidades de diálogo na escola. Em janeiro, tiramos férias, eu e minhas duas “filhas”, a nossa e uma “emprestada”, da minha irmã. Era para ser só uma semana, mas durou um mês e foram as melhores férias das nossas vidas. Apenas no dia de vir embora aconteceu um imprevisto. Meu marido ia buscar-nos de carro, mas o carro estragou no meio do caminho. Ainda bem que tinha uma reserva e deu para comprar três passagens. Mas, nesse momento, começou um problema: embarquei na ida com xerox da certidão de nascimento de Jamilly já com nosso nome. Quando comprei a passagem para retornar, ela ainda estava com o nome dos primeiros pais. Ao embarcar, chegamos em cima da hora, e o motorista disse que, na rodoviária de São Paulo, os ônibus não atrasam. Entreguei o xerox rasgado, pois havia chovido e ele tinha molhado. Aquele motorista, todo imponente, me deixou “no chão”, sem contar que nossa filha só me chama de tia. O motorista chamou a gerente e, resumindo, não embarcamos. Eu queria uma explicação: como nos deixaram ir? Seria muito mais fácil se tudo tivesse acontecido quando vimos, pois daria tempo de voltar para casa e pegar a certidão original. Pense em uma pessoa que gosta de fazer as coisas certas e, de repente, não voltou para casa porque não levou a certidão original. Ligamos para meu marido, para levar a certidão na rodoviária. Graças a Deus era uma conhecida que estava no guichê da empresa, mas a gerente não acreditou, afinal ela morava em São Paulo e eu em uma cidade pequena, onde conhecia quase todos. A situação ficou insuportável, e logo eu, que já sofri tanto preconceito na vida, fui preconceituosa, quando disse para ela que, se fosse um homem, ficaria mais fácil o diálogo. Eu queria dormir na rodoviária, mas resolvi voltar com minha cunhada. Penso ter sido uma das piores noites da minha vida.

No outro dia, para me recompor, falei com Deus, pois Ele seria o único a entender minha dor naquele momento. Fui à missa com o choro na garganta. Tentei conter, mas nem sempre conseguia. Ao terminar a celebração, achei que estivesse ótima. Voltando para casa da minha cunhada, na esquina, há uns prédios e tinha uma senhora fazendo a limpeza do lado de fora. Ela olhou pra mim e disse: “Nossa! Seu cabelo está tão lindo!” Respondi: “Obrigada”. Então ela falou: “Nossa! Você está chorando?” Desabei, e ela foi falando: “Chora não. Eu te entendo, nós que temos essa cor”, e mostrou o braço dela. Eu tentando falar que tudo que aconteceu estava certo, mas o que eu senti foi muito ruim, veio tanta coisa, tudo que tinha passado no dia anterior, durante todo ano passado. Ela disse: “Posso te dar um abraço?” E nesse abraço revivi aquela música: “O melhor lugar do mundo é dentro de um abraço.” Tudo o que precisamos para encerrarmos um ciclo e começarmos outro. À noite,

escrevi uma carta pedindo desculpas para a gerente, senão não seria eu. Errar eu até erro, mas tento consertar. Assim que me dou conta da burrada.

Início de aulas, 2020. Fui recebida pela diretora de rosto virado. Não tiro a razão dela. Se eu pensasse como ela pensa a vida escolar, preocupando-se apenas com notas, provavelmente eu faria o mesmo. Novamente conversei com Deus. Se tinha sido difícil o ano passado, este seria pior: 18 de março, tudo paralisado na cidade, devido à pandemia. Tracei um plano de estudos, pensando nas dificuldades da minha filha. Utilizei o método Kumon. A escola não parou de imediato, e, mesmo parando, ela continuaria a fazer as atividades em casa. A nova professora logo criou um grupo de estudos e eu comecei a investigar se isso estava acontecendo em todas as escolas. Mas era só na turma da minha filha mesmo. Após um mês passou a ser oficial: aulas remotas. No início, foi meio tenso. Em casa, só de falar em escola, nas obrigações, era um problema, eram dores de cabeça, cansaço. Entendi tudo, até porque não era mentira. Eu também sinto tudo isso sob pressão. Com uma semana, estava tudo resolvido. E eu posso falar, com toda convicção, que foi o melhor ano de nossas vidas. Mais aprendi do que ensinei. A professora dela brilhou e eu não deixei de mandar um recadinho bem afetuoso para ela.

Se alguém me perguntar se faria tudo de novo, eu respondo que sim. Nem se tivesse tido 10 gestações, na barriga, não teria aprendido tanto como esta gestação da alma. Sou muito melhor hoje. Melhorei porque quero deixar um reflexo meu, no espelho da vida, muito mais evoluído do que sou hoje e ainda serei. Ela não fala nem mãe e nem pai, mas o nosso vínculo é tão forte, que ultrapassa a forma de falar. Quando um filho sai da nossa barriga, corta-se o cordão, e, quando um filho vem de outros pais, aos poucos, esse cordão é ligado ao coração.

Agradeço todos os dias aos anjos que Deus colocou no meu caminho, todos os que me escutaram na casa lar. Agradeço por ter encontrado uma senhora que conversou muito comigo, em uma unidade de saúde, que conhecia minha dor na pele, pois havia adotado uma criança negra, há mais de 30 anos, sendo sua família toda branca. Não esquecerei jamais de suas palavras: “Fique firme, põe limite, orienta na fé, dê muito amor e no final dará tudo certo.”

Quando fui fazer mamografia também, quando a moça descobriu que ela era adotada, ficou encantada e queria saber por que “tia”. Eu expliquei e ela me deu o seguinte conselho: “Mesmo que ela não te chame de mãe, vai falando ‘vem na sua mãe’, ‘vai ao seu pai’.” E assim eu fiz. Um dia ela perguntou porque eu falava assim. Eu respondi que era porque ela era nossa filha. Então ela disse: “Mas eu não falo mãe?” Então respondi: “Deve ser porque não sou sua mãe?” Então a resposta foi a melhor da minha vida: “Eu não disse isso”. Sou a

“tia mãe” mais feliz do mundo. Muitas pessoas acham que estão me fazendo um favor, pedindo para ela me chamar de mãe. Ela me conta e eu falo: “Não liga.” Elas acham que eu sofro: “Já sofri, hoje te entendo.” Ela sempre pergunta se eu vou continuar amando do mesmo jeito e eu digo: “Sempre.”

